

Castro: "Algo não funcionava em nossa poesia"



Cardoso Pires: "Eu sempre serei oposição"

FOTOS DE CHICO NELSON

Os escritores com o poder

A representação diplomática de Portugal no Brasil, através de seu adido cultural, enviou, meses atrás, um questionário a cinquenta universidades e colégios brasileiros, perguntando que escritores portugueses os estudantes tinham interesse em conhecer. Apenas sete responderam e os escolhidos foram José Cardoso Pires, Augusto Abelaira, Bernardo Santareno e Ernesto de Mello e Castro. No mês passado, os quatro chegaram a São Paulo.

José Cardoso Pires, de 51 anos, é bastante conhecido no Brasil através de seu romance "O Delfim". Vive dos direitos autorais de suas obras, mas de outubro de 1974 a janeiro deste ano foi vereador em Lisboa e diretor adjunto do jornal *Diário de Lisboa*. Já esteve duas vezes no Brasil, em 1969 e em 1971, e atualmente escreve um romance sobre as modificações produzidas na classe média portuguesa pela Revolução de 25 de abril de 1974.

Augusto Abelaira, de 50 anos, tem dez obras de ficção publicadas, duas delas de teatro. Formado em filosofia e história, foi jornalista e diretor da revista *Seara Nova*. Em janeiro de 1974 passou a editorialista do jornal *O Século* e mais tarde dirigiu a revista *Vida Mundial*. Hoje trabalha na Rádio e Televisão Portuguesa. Esteve preso durante o re-

gime salazarista e tem apenas uma obra publicada no Brasil — o romance "A Cidade das Flores".

Bernardo Santareno, de 52 anos, é formado em medicina e atualmente trabalha como psicólogo. Teatrólogo, estreou em 1957 com a publicação de três peças, uma delas, "A Promessa", tirada de cartaz quatro dias depois de sua primeira encenação. Veio ao Brasil pela primeira vez no ano passado, quando sua peça "O Duelo" foi montada por um grupo de São Paulo. Quase todas as suas obras foram proibidas ou interditas durante o regime salazarista.

Ernesto de Mello e Castro, de 44 anos, é poeta, engenheiro têxtil e vice-presidente da Associação Portuguesa de Escritores. Além de colaborações no suplemento literário do *Minas Gerais*, sua única obra publicada no Brasil, onde esteve em 1966 em contato com um grupo de poetas concretistas, é o livro de crítica "Próprio Poético".

Há dez dias, os quatro encerraram um circuito de conferências e de debates em São Paulo e no Rio de Janeiro, dos quais VEJA oferece a seguir um resumo, baseado principalmente no encontro realizado com os estudantes da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. As perguntas foram feitas pelos estudantes.

PERGUNTA — Vocês sempre foram de oposição, agora estão na situação. Como lhes parece isso?

JOSÉ CARDOSO PIRES — Nós realmente fomos escritores de oposição, e eu penso que o escritor só é útil quando é da oposição. Estou aqui como um representante do governo português, mas posso dizer que sempre serei um escritor de oposição. O escritor é um animal que fareja à distância, por sinais, por outras razões, aquilo que a ciência política não vê imediatamente. Em consequência, ele nunca pode dar soluções, ele é uma espécie de corretor, homem que corrige, é a má consciência de um bom país. Assim, somos um elemento de correção permanente, mas não de oposição sistemática. O escritor tem sempre o ideal perfeito, e não existem sociedades perfeitas. É de sua responsabilidade saber disso e tentar descobrir o seu papel, a sua aliança com o povo, definir e assumir a sua posição. Agora, uma coisa é procurar isso num regime como o que nós tivemos durante 56 anos — e do qual participávamos de alguma maneira, não só como escritores, mas politicamente, pois muitos de nós foram parar na cadeia. Outra coisa é atuar no contexto atual. Não vamos, porém, confundir as coisas. O escritor nunca pode ser um cidadão oficial, não há escritores oficiais.

Portanto, nenhum de nós pensa que está no poder. Pelo menos eu.

MELLO E CASTRO — Eu concordo inteiramente e queria acrescentar mais alguma coisa. O escritor, o artista criador, enfim, todas aquelas pessoas que puderam usufruir de uma educação que as levaram a manipular matérias normalmente fora do alcance, infelizmente, do chamado comum dos mortais transformaram-se com o decorrer dos tempos, e através de sua própria atividade transformadora, em acumuladores de mais-valias que de fato pertencem ao povo. É o povo que detém as virtualidades criadoras vitais. Nós somos apenas produtores dessas virtualidades e acumuladores, mas em circunstâncias puramente fortuitas. Ora, o que nós sentimos — e agora posso falar em nós, somos plural depois de 25 de Abril — é que passou a ser de nossa restrita obrigação devolver ao povo português estas mais-valias que nós tínhamos em forma de cultura e em forma de acesso às coisas que lhe tinham sido vedadas, proibidas e ocultadas. Nós tínhamos obrigação de sair a campo, pôr à parte as nossas experiências laboratoriais, por mais importantes que fossem, e nos comunicar de maneira direta com as forças verdadeiramente criativas do povo português. Realizar aquela obra de cultura, aquela obra de descentralização da cultura e de democratização que durante mais de cinquenta anos foi impossível de se fazer. Portanto, nós não estamos instituídos no poder, nós estamos, sim, usando o poder a favor do povo.

CARDOSO PIRES — Quando um indivíduo vive num regime opressivo e fascista como aquele em que vivíamos, é evidente que a palavra futuro tem um significado muito restrito. Nós negávamos porque apenas negando construíamos. Sabíamos que estávamos diante de uma situação sem futuro. Nesse momento nós estamos esperando uma situação de futuro e por isso temos uma exigência muito maior. Maior em relação às nossas coisas, ao país, às instituições e a tudo o mais que, naturalmente, nos era negado no tempo do fascismo. Muitos escritores portugueses, ficcionistas, nada publicaram até agora, mesmo tendo oportunidade, mesmo sendo convidados e não existindo Censura. Não publica-

ram por muitas razões e porque nós hoje sentimos essas exigências de qualidade que não tínhamos antes. Quanto mais se ama uma coisa, mais se exige dela, mais se corrige essa coisa, mais se vê para longe, mais impiedoso se é na crítica.

AUGUSTO ABELAIRA — Eu tenho uma palavra a dizer, e falo por mim. A afirmação de que somos, ou éramos, ou sou, ou fui, um escritor da oposição, eu não aceito, ela é inexata. Nós não éramos da oposição. Existia, sim, uma situação que se opunha à liberdade e à justiça que pretendíamos. Com isso, que-



Abelaira: "É sedutor trabalhar na televisão"

ro dizer que a minha posição não se alterou um milímetro com o aparecimento de 25 de Abril. Eu continuo com os princípios basilares anteriores a 25 de Abril, sujeitos agora a experiências, à adaptação a situações novas que aparecem e que sem dúvida nos obrigam a inventar de novo. Mas não passamos de escritores da oposição para escritores da situação. Eu continuo exatamente na posição em que estava. Aquilo que eu escrevia podia ser efetivamente considerado oposto à situação que existia, mas eu a considero tão absurda, de tal modo desumana, que ela, sim, é que era de oposição aos ideais e aos valores que me pareciam dignos.

Hoje continuo nessa situação e sem qualquer concessão ao atual regime. É claro que ele não me persegue, nunca fui metido na cadeia como durante o re-

gime anterior. O atual governo nunca me pediu qualquer tipo de subserviência, de elogio, não limitou a minha liberdade. E, quando houver coincidências entre minha posição e o regime, eu não direi que são arbitrarias. E vou dizer mais alguma coisa, Portugal tem neste momento um governo com o qual eu não me identifico, poderia ter outro qualquer com o qual também eu não me identificaria, mas este que existe não me pede esta identificação e dá-me liberdade para fazer todas as críticas, sejam elas quais forem.

BERNARDO SANTARENO — Eu concordo sobretudo com o Mello e Castro. E queria dizer apenas o que aconteceu em Portugal no campo do teatro. Antes ele existia exclusivamente em Lisboa e nos grandes centros. Depois de 25 de Abril, os homens mais conscientes de teatro descobriram um novo público, e ao mesmo tempo este público constatou que o teatro lhe interessava. Então houve uma redescoberta, com uma intensidade notável, tanto dos artistas quanto do público, redescoberta do teatro como veículo de comunicação, de conscientização, e isso parece muito importante no sentido em que Mello e Castro falou há pouco.

PERGUNTA — Como Santareno vê a sua experiência teatral em Portugal?

SANTARENO — Entre as coisas que escrevi, algumas formam uma primeira fase, que posso chamar vagamente de realismo poético. A segunda é mais importante, pois senti uma necessidade de intervir mais diretamente no campo político e social. Havia toda uma criação dramaturgica em Portugal que se viu dominada por um aspecto do regime em que vivíamos — o problema da Censura. Ela se fez sentir em todos os domínios da criação, mas especialmente no teatro, e isso acontece em todos os países do mundo onde há regimes de exceção. O teatro é um instrumento extremamente sensível, um bom veículo para conscientizar as pessoas, não no sentido de se fazer revolução, porque não se fazem revoluções com o teatro, mas no sentido de preparar em certa medida para uma revolução como a que se fez em Portugal. O teatro foi perseguido, absurdamente perseguido. Naquele regime havia o medo do teatro. Nós, os dramaturgos, não estávamos contentes com aquele regime no qual passamos boa parte de nossa vida, e começamos a lutar com nossa arma específica, que era o teatro. Naturalmente, o regime não aceitava isso e proibia as peças. Publicávamos então as nossas peças, pois elas podiam ser lidas partindo do princípio de que as pessoas não liam um texto de

continua na página 130

teatro com muito prazer. Mas, com isso, acabou-se criando um público leitor de peças. Depois de 25 de Abril, aconteceu uma história que ilustra bem o que penso do teatro e o que ele representa. Eu tinha uma peça — "Português, Escritor, 45 Anos de Idade" — que terminei de escrever em março de 1974. Uma peça um pouco desesperada, uma peça de desistência porque realmente as minhas últimas obras tinham sido todas censuradas, nos últimos cinco ou seis anos. Não havia hipótese de as ver representadas e então eu estava desistindo de tudo. Perguntei, porém, a amigos advogados, se ela poderia ao menos ser publicada. "Oh, não", disseram eles, "se tu a publicares, serás preso." É evidente que eu não gostei da possibilidade, e estava indeciso sobre isso quando aconteceu espantosamente o 25 de Abril. Um teatro imediatamente colocou a minha peça em cartaz e foi um grande sucesso. Não é que a peça ou a representação fossem muito boas, eram razoáveis apenas. Mas naquela hora era aquilo que o público queria realmente ouvir, colocavam-se questões que lhe interessavam. Então, operários e trabalhadores, sem o hábito de teatro, começaram a alugar camionetas nas fábricas para irem ao teatro. E a peça era uma festa, porque o público saltava para o palco, misturava-se aos atores.

Nós sempre devemos tentar fazer um teatro simples, comunicável, e a simplicidade não é fácil. Não podemos esquecer a grande massa, os trabalhadores, que não tinham o hábito do teatro. Isso é um teatro digno do povo. E é surpreendente como ele é capaz de captar, desembulhar, tirar de si uma voz que foi prisioneira e que agora é capaz de fazer perguntas, de opinar, de sair daquele silêncio negro em que vivemos todos os anos de nossa vida.

PERGUNTA — José Cardoso Pires escreveu uma obra contra a classe média — ou a burguesia —, mas é consumido por ela. Como encara isso?

CARDOSO PIRES — A pessoa que escreve, o faz sempre com o leitor. Ninguém escreve sozinho e se ele pertence à minha classe, a burguesia, escreverá com ela. Eu não vou vestir um macacão, pegar um caderno de notas e aprender a linguagem dos operários para fazer um romance. Se eu interpretar bem a minha classe, eu estou com todos os

meus complexos de culpa falando para leitores com complexos de culpa. Eu não tenho a ambição de escrever para o povo e acredito que o escritor que está sempre correndo atrás do leitor acaba sendo desprezado e morre repentinamente, pois o leitor corre mais depressa. Toda a minha vida eu tentei ser realmente um escritor do meu país, da democracia do meu país, da liberdade do meu país. A minha classe é muito grande e muito importante. Se eu conseguir defini-la, já estarei prestando uma grande contribuição ao momento histórico do meu país.

PERGUNTA — Ernesto de Mello e Castro, qual a relação de sua poesia com o homem português antes e depois de 25 de Abril?

MELLO E CASTRO — Por volta de



Santareno: "O povo redescobriu o teatro"

1960, iniciei uma fase de radicalismo formal, não tanto guiado por um projeto racional, mas por aquela intuição de que qualquer coisa não funcionava ou não me agradava na poesia portuguesa. Eu penso que o projeto criativo é sempre avançado em relação ao projeto sociológico. Na minha poesia não existiam coordenadas sociológicas referentes, fui mesmo acusado de me fechar na minha concha. Mas eu sabia que havia um discurso poético que era mantido pelo sistema e por ele foi impingido a todos nós. Um discurso sentimentalóide, descritivo, místico no pior sentido que possa ter essa palavra. Um discurso que, eu sabia, tinha de ser corrompido. A corrupção dele talvez fosse pouco a pouco alertando certas pessoas para a necessidade de renovação dos meios de comunicação. Essa posição não era só minha

e evidentemente a nossa posição era de resistência através das palavras. Depois de 25 de Abril, pela primeira vez nós tivemos oportunidade de fazer coincidir a nossa experiência poética com a nossa experiência de vida. Neste momento estamos de fato empenhados em comunicar abertamente no novo espaço cultural que se abriu e principalmente ocupar zonas culturais que antes nos eram vedadas.

PERGUNTA — Augusto Abelaira disse que é um homem de televisão. Como se sente nela, como escritor?

ABELAIRA — Eu tenho a impressão de que a partir de outubro alguma coisa começará a acontecer na televisão portuguesa. Eu sou diretor adjunto da parte cultural e temos neste momento um esquema em andamento, uma programação de seis meses com algumas ambições de nível cultural. É evidente que se torna sedutor para um escritor ocupar uma posição dessas na televisão, porque ele escreve para poucos milhares de leitores e a televisão é vista por milhões. E o que o homem de cultura, digamos, pretende neste momento em Portugal? Não pretende dar ao público meia dúzia de slogans que paralisem o seu espírito crítico. Eu tenho a convicção de que, se cultura é alguma coisa, é espírito crítico. A televisão é ruim em todo o mundo, cada uma é pior do que a outra. Não sei se isso é muita ilusão, mas nós queremos, através de uma programação de televisão, reforçar o espírito crítico dos cidadãos portugueses. Queremos fazer dos portugueses verdadeiros cidadãos, e não indivíduos que aceitem as grandes verdades que o atual governo, ou o governo que virá amanhã, lhes possa impingir. Queremos que eles tenham livre crítica durante qualquer governo. Acreditamos que cultura é isso, o desenvolvimento do espírito crítico, da liberdade, uma tentativa de fazer com que os homens conquistem a si próprios. Devem ser homens de idéias próprias e não apenas refletores de idéias.

Crônica carioca

Os autores escrevem do Rio e sobre o Rio de Janeiro. Pode-se dizer que Fernando Sabino é o cronista da Zona Sul; Carlos Eduardo Novaes, da classe média da Tijuca; João Antônio, o marginal do Méier; e Antônio Carlos Villaça passeia seus fantasmas por entre abadias e bibliotecas do século passado, mas traumatizado com o homem do século XX.

Fernando Sabino, que já escreveu dez livros até hoje — sete de crônicas —, com "Deixa o Alfredo Falar" (Record, 213 páginas, 50 cruzeiros), além de tex-

continua na página 132

HOTEL SERRADOR

Bem no centro da cidade. Onde todo homem de negócio tem a chance de fazer turismo e todo turista acaba fazendo um ótimo negócio.

- Ar-condicionado • Televisão • Geladeira
- American-Bar • Buete-Restaurante
- Salões de conferências • Aluguel de automóvel
- Garagem • Magnífica vista para o mar

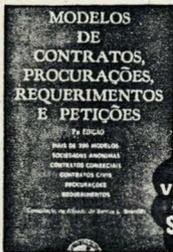


HOTEL SERRADOR

Praça Mahatma Gandhi, 14 - Cinelândia. Tel.: 232-4220
Telex: 2121217 SERR. End. Telegráfico: SERHOTÉL
Rio de Janeiro - Brasil.

SEJA EFICIENTE E GANHE MAIS!

Estes livros vão auxiliar você a exercer suas atividades profissionais com rapidez e perfeição, possibilitando consultas úteis e eliminando dúvidas freqüentes. Contendo mais de 200 modelos de contratos comerciais, sociedades anônimas, contratos civis, procurações, requerimentos, cartas comerciais e circulares, com todos os assuntos da rotina de um escritório.



Os 2 volumes apenas \$ 70,00!

Para pedido, recorte e envie o cupom abaixo e receba os 2 livros pelo reembolso postal.

À Edições "O LIVREIRO" Ltda.

Caixa Postal 15.033 - Cambuci - São Paulo
Capital - 01000 - Fones: 279-4955 e 279-0452.

Desejo receber os livros "Modelos..." e "Correspondente..." por apenas Cr\$ 70,00, sem qualquer despesa.

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Não mande dinheiro agora.
Pague somente ao receber sua encomenda.



Fernando Sabino, A. C. Villaça, Carlos E. Novaes e João Antônio

continuação da página 130

tos amenos sobre o cotidiano, retoma o clima de seu romance "O Encontro Marcado" (1956). Senhor de uma técnica de escrever ágil e eficiente, Sabino admite "que para se realizar integralmente como homem ninguém precisa ser 'artista', e muito menos escritor". No dilema vida e literatura, ele colocou a literatura a serviço de sua vida.

Caso inverso é o de Antônio Carlos Villaça, autor de doze livros. Dois saíram recentemente: "Literatura e Vida" (Nova Fronteira, 184 páginas, 40 cruzeiros) e "Filósofos e Poetas" (Imago, 150 páginas, 40 cruzeiros). Ambos reúnem artigos publicados anteriormente na imprensa — o primeiro mais voltado para a literatura brasileira e o segundo, para autores estrangeiros.

Exigir de tais escritos o maçante rigor dos estudos universitários é sinal de não entendimento da obra que Villaça piedosamente constrói. Único brasileiro a caminho da santidade literária, circula idéias com graça e clareza jornalística. Desde seu excelente romance-biografia — "O Nariz do Morto" (1970) —, Villaça mostra que vê o mundo através da lente de aumento da literatura. Escrever é o apostolado a que se propunha Eduardo Marçiano, a personagem central de "O Encontro Marcado", de Sabino.

Saído também do jornal, "Os Mistérios do Aquém" (Nórdica, 170 pági-

nas, 40 cruzeiros) é o quarto livro de Carlos Eduardo Novaes. Seu humor desenvolve um processo de substituição de idéias e palavras conhecido como trocadilho. Partindo de um tema dado, como numa redação escolar, o autor exaure as possibilidades da idéia-matriz fazendo variações em torno do tema. É a técnica da palavra-puxa-palavra. A palavra "bula", por exemplo, tanto pode designar um decreto papal como uma explicação farmacêutica. Esse humor cria um efeito esperado de estímulo e resposta ("A falta de senso do censo", "O marreco que pagou o pato"), que satisfaz o leitor ocioso mas, sem nenhum mistério, fica aquém de um humor mais elaborado de que Novaes também é capaz.

Mais renovador e contundente revela-se, porém, "Casa de Loucos" (Civilização Brasileira, 136 páginas, 35 cruzeiros). Ao humorístico de Sabino e Novaes e ao sublime e solene de Villaça, João Antônio prefere o dramático e o mordaz. Villaça faz a reportagem literária, Novaes exorciza o consumidor da classe média e João Antônio reinventa o marginal. Se Sabino soa ainda com a limpeza da bossa nova, João Antônio é o sambista de breque de fala inconveniente capaz de chocar certos salões. Seus textos não são "escolares" e "antológicos", mas constituem uma literatura sobre os excluídos e que se exclui, ela mesma, do bom-tom convencional.

• Affonso Romano de Sant'Anna

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

- 1- O Outono do Patriarca, G. G. Márquez (1-13)
- 2- O Documento R, Irving Wallace (2-8)
- 3- Os Meninos do Brasil, Ira Levin (4-5)
- 4- Gota d'Água, C.B. de Holanda e P. Pontes (3-35)
- 5- Só o Vento Sabe a Resposta, J.M. Simmel (5-8)
- 6- Os Chefes, Mario V. Llosa (9-2)
- 7- Os Mistérios do Aquém, C. E. Novaes
- 8- Essa Terra, Antônio Torres (8-13)
- 9- O Fundo do Mar, Peter Benchley (7-3)
- 10- Um Estranho no Ninho, Ken Kesey (6-16)

NAO-FICÇÃO

- 1- Solo de Clarineta II, Erico Veríssimo (1-18)
- 2- O Governo Kubitschek, M. V. M. Benevides (2-5)
- 3- Chão de Ferro, Pedro Nava (3-7)
- 4- O Deserto É Fértil, D. Helder Câmara (5-51)
- 5- O Triângulo das Bermudas, Charles Berlitz (4-35)
- 6- Minha História, Uri Geller (6-5)
- 7- Preto no Branco, Thomas Skidmore
- 8- Porque Construí Brasília, J. Kubitschek (7-1)
- 9- Casa de Loucos, João Antônio
- 10- A Ilha, Fernando Morais (10-2)

Fonte: livrarias Brasiliense, Cultura, Siciliano Augusta, Siciliano D. José, Tanagra, Teixeira, Universal de Campinas (SP); Eldorado Tijuca, Eldorado Copacabana, Entrelivros, Record (RJ); Lima (RS); Ghignone (PR); Atalaia (MG); Sodiler (DF); Civilização Brasileira (BA); Editora do Nordeste (PE); Renascença (CE). Os números entre parênteses determinam: a) a colocação do livro na semana anterior; b) há quantas semanas consecutivas o livro aparece na lista.
Obs.: Esta lista não inclui os livros vendidos em banca.